

A RESISTÊNCIA ENTRE O NÃO ENFÁTICO E O BOICOTE NAS RELAÇÕES DE PODER EM MICHEL FOUCAULT

Jonatá dos Reis Lima⁵⁴

RESUMO

Partindo da noção de *Poder*, em Michel Foucault, temos uma estrutura que não é fechada e dominante, hierárquica, mas pelo contrário, aberta e múltipla, o poder circular. O que existe para nosso filósofo são “*relações de poder*”, uma relação muito mais complexa que a ordem imposta e o imperativo da negação, mas que o poder nunca esteve apenas nas mãos de uns sobre os outros, porém alternado em ambos os lados. Dessa forma, a presente análise busca evidenciar os focos de resistência e estratégias nas relações de poder. As alternativas do indivíduo driblar o sistema que o domina e o explora, encontrar outras formas de existência, ser furtivo. Assim, em conformidade com Veralúcia Porto, é através da história das passividades, do embate nas relações entre positivities e negatividades, que é possível essa mudança, uma vez que o indivíduo percebe o assujeitamento de sua vida e se indigna, reage, desenvolve estratégias e resistência. E nessa problemática Frédéric Gros, na obra “*Desobedecer*”, partindo da provocação de que nosso problema não é a desobediência civil, mas a obediência civil, nos mostra outra forma além do imaginário da resistência somente através do embate direto, mas a eficácia de resistências menos visíveis, mais furtivas, como o “boicote”, ou “o trabalho em marcha lenta”. Até que ponto se é conveniente em atentar contra sua vida ou de seus semelhantes por uma ordem que vem de cima? Podendo assim apresentar meios para que o indivíduo perceba a realidade na qual vive e desprenda sua consciência da exploração e assujeitamento. É evidente que a formação da sociedade é permeada por histórias de dominação, mas não se fecha aí, é justamente nesse limite da existência e da vida que é possível ao indivíduo a transgressão, encontrar outro caminho de liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de poder. Estratégias e resistência. Desobedecer. Indivíduo.

1 INTRODUÇÃO

Numa sociedade onde o sistema de dominação e exploração se torna cada vez presente no cotidiano dos indivíduos, onde a diferença de classes apresenta um abismo enorme de distância, e de um governo que assume a postura autoritária e passa a ditar as regras, de censurar, de oprimir os meios de comunicação, falar de poder nesse cenário remete sempre a uma estrutura de hierarquia e de um sistema que se torna intransponível e inquestionável. De um Poder que governa de cima e estando os indivíduos silenciados e sem reação.

⁵⁴ Graduado no curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: jonatareislma@gmail.com.

Assim, muito embora essa pareça a ordem natural das coisas, quase como uma determinação histórica, Foucault abre essa relação e diz ser possível, diante da história da exploração e dominação, haver estratégias e resistências. É possível ao indivíduo contornar o limite aparente em sua vida e encontrar outro caminho.

Dessa forma, é preciso entender primeiro que Foucault não trata o poder como uma entidade unitária e estável, mas como “relações de poder”, uma relação que é múltipla, circular. O poder não é somente negativo, mas também positivo, ele produz comportamentos, saberes, sujeitos, produz o real. Foucault tira então o poder somente do campo das grandes instituições e o apresenta no meio cotidiano dos próprios indivíduos, o meio familiar, escolar, de trabalho. E nesse deslocamento, o indivíduo passa a ser aquele que também exerce o poder; o poder não se aplica aos indivíduos, mas transita por eles.

Em segundo, em análise as positivities e negatividades das relações de poder, através da história das passividades do sujeito em conformidade com Veralúcia Porto, há no indivíduo a positividade de olhar para si e se questionar sobre a sua vida, indignar-se, reagir, e assim, destinar uma mudança. E, por fim, jamais como fechamento, mas sempre como uma abertura, encontrar uma forma mais furtiva de resistência que o não enfático e o embate direto, uma vez que pode abrir para o risco de morte e encarceramento da vida, mas desenvolver estratégias. Um trabalho ético de si sobre si mesmo, libertar a consciência da exploração e assujeitamento.

2 RELAÇÕES DE PODER

Quando pensamos ou falamos no poder, é comum cairmos na estrutura soberana formulada nos estados modernos desse Poder que vem de cima, e como tal, hierarquiza, sedentariza, age sobre os indivíduos como estatuto da negação e castração de suas vontades. De um Poder que só existe nas grandes instituições e estando o indivíduo sempre sujeitado a ele, silenciado, oprimido. Assim, Foucault abre essa relação e reformula a compreensão de poder. “A questão do poder fica empobrecida quando é colocada unicamente em termos de legislação, de Constituição, ou somente em termos de Estado ou de aparelho de Estado” (FOUCAULT, 2012, p. 334-335). O poder é então mais complicado, muito mais denso e difuso.

Dessa forma, não teremos uma solidificação da teoria sobre o Poder nas obras de Foucault, como evidencia Judith Revel: “Foucault nunca trata o poder como uma entidade coerente, unitária e estável, mas como ‘relações de poder’ que supõem condições históricas de emergência, complexas, e implicam múltiplas consequências [...]” (2011, p. 120). O que há em Foucault são “relações de poder”, uma relação muito mais complexa e múltipla do que a simples imposição e ordem do poder como opressor. Vale notar que essas relações de poder estão também naqueles que foram expostos e direcionados ao poder. Pensando a noção de poder, Foucault remete ao “nível efetivo da família, da vizinhança”, é esse nível, que entendemos como menor diante da grande estrutura do poder, que também legitima e faz crescer a ordem imposta; que dá legitimidade ao uso do poder. E nos remete Foucault, em entrevista intitulada “*Poder e saber*” na obra *Ditos e Escritos IV*:

Se é verdade que essas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classe, é preciso ainda dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base, essas pequenas relações de poder. O que seria o poder de Estado, aquele que impõe, por exemplo, o serviço militar, se não houvesse, em torno de cada indivíduo, todo um feixe de relações de poder que o liga a seus pais, a seu patrão, a seu professor – àquele que sabe, àquele que lhe confiou na cabeça tal ou tal ideia? (2015, p. 226).

Assim, nosso próprio cotidiano, seja o meio familiar, o de trabalho, o escolar, está permeado de relações de poder. De figuras que, no nível micro da relação, representam uma “autoridade” a ser obedecida, ouvida, orientada. E é justamente esta microrrelação que faz com que a macro se desenvolva de forma mais abrangente. Porém, o que precisa se atentar é que esse poder não é absoluto e, logo, pode ser contornado, por vezes, enfrentado e contestado. Caso contrário, temos uma relação de violência, um governo ditatorial. Pois, “[...] se é verdade que só há poder exercido por uns sobre os outros – ‘os uns’ e ‘os outros’ nunca estiveram fixos num papel, mas alternada e até simultaneamente, estiveram em cada um dos polos da relação [...]” (REVEL, 2011, p. 120).

Se pensarmos em Foucault no indivíduo envolto em relações de poder, podemos direcionar esse mesmo indivíduo no jogo de toda essa relação, não mais como sujeito passivo à ordem imposta, mas como sujeito ativo, o qual também faz uso do poder; mas não somente

porque ele passa a ser o produto ou instrumento por onde o poder circula, mas também porque existe nele, e através dele, a possibilidade de negação da ordem imposta, da subversividade.

3 POSITIVIDADES E NEGATIVIDADES NAS RELAÇÕES DE PODER

Partindo em busca de uma mudança na realidade do indivíduo e uma possibilidade de viver diferentemente do estado de exploração e dominação em que se vive, uma alternativa de fuga, Veralúcia Porto, em sua tese, apresenta a história das passividades atrelada ao embate entre positivities e negatividades das relações de poder como esse impulso à mudança.

A grande questão a ser evidenciada, como conduziu Veralúcia Porto, é que nas relações de poder, em Foucault, é preciso considerar as relações de positivities e negatividades. Porém não estão isoladas totalmente entre si. Nas próprias negatividades existem também positivities e vice-versa. Em direção à relação de positividade do poder tem-se o assujeitamento de “forma precisa” sobre o indivíduo, tornando-o passivo, podendo criar e circular com maior facilidade sobre a sociedade. Assim também como esse poder se depara com relações de negatividades, como a transgressão de sua “afirmação”, encontrando dificuldades de se produzir. Ao mesmo passo que essas relações não estão fechadas em si, se reestabelece um novo jogo, no qual Foucault fala do “indefinido da luta”, que para cada movimento de um dos dois contrários existe uma reação do outro. E frente a essa negatividade ao poder, do corpo que se revolta e busca pelo desnudamento de toda opressão, o poder se reestrutura, “[...] como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo instrumento que não tem mais a forma controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fiquem nu... mas seja magro, bonito, bronzado!’” (FOUCAULT, 2012, p. 236).

Mas há também na própria negatividade do indivíduo diante do poder, de seu assujeitamento e estado de passividade, a positividade de criar resistência ao se voltar para si e perceber estar sua própria vida submetida à dominação. Dessa forma, o “[...] indivíduo na condição de passividade, embora não seja visível a percepção da subjetividade em processo, não se pode lhe negar um impulso em direção à constituição de si mesmo e, por conseguinte, de liberdade” (PORTO, 2017, p. 100). É a vida do próprio indivíduo que lhe move em direção

à liberdade, quando se percebe assujeitado e ameaçado. Dessa forma atuam as relações de poder, pois estando o indivíduo sob a dominação, pode recuar ou enfrentar a ordem imposta.

Em conformidade com Veralúcia Porto (2017, pp. 106-107), as positivities vinculadas com as negatividades não apresentam limitações, mas permitem ao indivíduo a percepção de seus próprios limites, os cercamentos nos quais foram ou estão submetidos, aflorando então a possibilidade de criar novas fronteiras, abrir novos caminhos, assim como desenvolver outras formas de conhecimento. “São as positivities que estão no sujeito histórico que lhe permitem voltar o olhar para si mesmo e se questionar: é essa a minha vida? É esse o tipo de homem que sou? É essa a sua vida? É esse o tipo de homem que és? [...]” (PORTO, 2017, p. 106-107). É esse questionar como também questionar-se – e de onde o sujeito, ele próprio, passaria a exercer o poder – que tira o poder do campo das determinações, massificações e dominações.

Há, na história das passividades, duas formas de mudanças na vida do indivíduo, “[...] uma das formas de mudança é a indignação, outra, a criação de estratégias” (PORTO, 2017, p. 108). A indignação aqui não é atrelada ao que levaria o indivíduo ao estado de guerra, mas o que faz o indivíduo perceber o assujeitamento que está submetido na história, a realidade na qual vive, direcionando ao desprendimento e à busca por sua liberdade no processo de constituição, o que lhe permite desenvolver a luta e a resistência, e, em consequência, o uso de estratégias.

Mas nessa relação de indignação e luta se faz preciso aqui um contraponto entre revolução e resistência em Foucault. A revolução, e em conformidade com suas narrativas históricas, seria o outro do poder, no sentido em que seu caminho leva a ocupar o posto daqueles que dominam, ela apenas inverte os lados, mas permanece o mesmo sistema. Ao passo que a resistência seria uma “prática de liberdade”, ela não é anterior ou posterior ao poder, mas coextensiva a ele. Ela não visa à tomada do poder, mas sua “neutralização” de forma efetiva. “São exatamente as resistências que impedem que as relações de poder sejam e permaneçam como um limite intransponível. As resistências mostram na agonística as fronteiras do limite e a possibilidade de apreendê-lo e lidar com ele” (PORTO, 2017, p.112).

4 ESTRATÉGIAS E RESISTÊNCIA

É possível e preciso pensar em outro modo de resistência além daquele do embate direto, mas, como conduz Foucault, atrelada e desenvolvida juntamente às estratégias. Até porque se pensarmos em governos ditatórias e fascistas, totalitários, esse embate direto abre para o risco de morte ou encarceramento da vida. O que queremos, e o que propõe Foucault em sua filosofia, é completamente o contrário, mas apresentar meios para que o indivíduo dribles o poder como estatuto, assuma a autoria de sua vida, e crie caminhos de liberdade. O não enfático condiz com um autor, ao passo que o boicote espacializa. E nesse outro modo de resistência nos tenta esclarecer Frédéric Gros no texto “*Superobediência*” presente na obra “*Desobedecer*”:

Assim que se fala ‘resistência’ ao ocupante nazista, pensamos espontaneamente no heroísmo dos maquis armados explodindo trens ou pontes, atacando de surpresa batalhões alemães isolados. Essas proezas alimentam o imaginário da resistência. Todo o trabalho de Jacques Semelin em seu livro consiste em realçar a importância e mesmo eficácia de formas de resistência menos visíveis, mais furtivas: boicotes, trabalho em marcha lenta, demissão quando se é funcionário, negligência calculada – ‘cheveikismo’⁵⁵ sistemático (2018, p. 58).

Dessa maneira, há uma forma mais elementar de resistência que propriamente o uso de armas. É uma forma mais necessária que propriamente a grande revolução sonhada. Se pensarmos nos prisioneiros dos campos de concentração, dos seres humanos presos a um sistema aniquilador de existências, seria pouco provável que surgisse de dentro das cercas uma rebelião, e que esses prisioneiros pudessem se revoltar contra aqueles que tanto lhe oprimem, não por força de vontade, mas justamente porque lhe privaram de ser ou de viver como seres humanos. Nesse cenário, caberia ao prisioneiro apenas a única preocupação urgente, sua vida e o desgaste físico. E em pequenas ações eles eram subversivos e burlavam o sistema, como o trabalho por vezes em marcha lenta, a troca de alimentos por comodidades, seja um sapato em melhor estado, uma roupa, ou até mesmo uma colher para que pudesse beber a sopa. Em um sistema que os conduzia à morte continuava, de forma estratégica, a se manterem “vivos”.

⁵⁵ “Do nome do ‘valente soldado Chveik’ personagem tcheco legendário que se faz de imbecil e age como se nunca compreendesse nada do que o mandam fazer” (GROS, 2018, p. 58).

“Aprendemos que tudo serve: o pedaço de arame, para amarrar os sapatos; os trapos, para envolver os pés; o papel, para forrar (embora proibido) o casaco contra o frio” (LEVI, 1988, p. 43).

E aqui podemos fazer um deslocamento àquilo que Frédéric Gros propõe em seu livro, um trabalho ético de si sobre si mesmo – até porque em Foucault não temos uma fórmula a ser aplicada, mas um trabalho de consciência. Assim ele parte da provocação de que nosso problema social não é a desobediência civil, mas a obediência, somos capazes de cometer atos cruéis e catastróficos pelo simples ato de obedecer a uma ordem “que vem de cima”. Dessa forma, Frédéric Gros toma como um dos exemplos o piloto que soltou a bomba em Hiroshima, ele poderia não ter apertado o botão e soltado a bomba dizimando milhões de semelhantes, e poderia ter pensado, se eu não fizer outro irá fazer, mas ele estaria livre em sua consciência. O que temos é algo semelhante à banalidade do mal em Hannah Arendt, o mal perpetrado por pessoas comuns.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos fica é até que ponto o poder comanda, induz nossas escolhas, governa nossos pensamentos e saberes, e até que ponto eu me desvinculo dessa dominação e assumo minhas próprias decisões, escolhas, sou responsável pela ação praticada.

É preciso que o indivíduo perceba que ele está rodeado de relações de poder, que ele não é um algoritmo inerte e infuncional nesse grande sistema, mas, pelo contrário, é a engrenagem que faz tudo rodar e funcionar. Assim, e em conformidade com Foucault, onde as estruturas dos micropoderes presentes no cotidiano legitima e faz funcionar com maior precisão a macrorrelação, é o “indivíduo” quem legitima esse Poder com P maiúsculo das grandes instituições, do aparelho de Estado. Então é preciso redefinir a circulação do poder, redefinir sua direção, encontrar meios de que ele governe em seu favor e não contra.

Talvez estejamos aceitando aquilo que é inaceitável. Pois num cenário onde as injustiças sociais parecem cada vez mais evidentes, assim como a desigualdade de fortunas, temos pessoas passando fome, tendo que procurar comida no caminhão de lixo, sem o mínimo de saneamento básico, água potável, luz, gás, enquanto governantes esbanjam contas no exterior ou saqueiam,

dos cofres públicos, milhões; de um sufocamento e degradação progressiva do meio ambiente, onde cada vez mais a expansão e a técnica crescem, os focos de incêndios criminosos e o desmatamento ilegal, ficando cada vez mais difícil de respirar; onde essa espiral parece cada vez mais constante e a criação e concentração de riquezas nas mãos de poucos, Frédéric Gros nos lança a questão: “Por que desobedecer? Basta abrir os olhos. A desobediência é mesmo a tal ponto justificada, normal, natural, que o que choca é a ausência de reação, a passividade” (2018, p. 16).

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

_____. **Estratégia, poder, saber. Ditos e Escritos Vol. IV**. Organização e seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta, tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

PORTO, Maria Veralúcia Pessoa. **Caminhos da liberdade em Foucault: das relações de poder ao cuidado de si no processo de subjetivação**. Tese (Doutorado) - UFPB- UFPE- UFRN. João Pessoa, 2017. 317 f.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva, revisão técnica de Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2011.